

O DOMÍNIO DO TERRORISMO: ASPECTOS DOS DESAFIOS SOCIOPOLÍTICOS NA ÁFRICA OCIDENTAL PÓS-INDEPENDÊNCIA: NIGÉRIA, BURKINA FASO E MALI

Osiomheyalo O. Idaewor¹

Introdução

Os países da África Ocidental, a saber, Nigéria, Burkina Faso e Mali, todos conquistaram a independência em 1960. Desde a conquista da independência, esses países continuaram a testemunhar desafios sociopolíticos e econômicos peculiares. Estes incluem a ameaça contemporânea de grupos terroristas, como o *Boko Haram*, ISWAP (Província do Estado Islâmico na África Ocidental, na sigla em inglês), e seus afiliados locais e internacionais. Estes desafios haviam sido antecipados pelas dinâmicas sociopolítica e econômica local e externa da sub-região. Aparentemente, o desafio do terrorismo intensificou-se de uma forma que ofuscou e agravou os desafios existentes na África Ocidental no período contemporâneo.

O terrorismo é definido neste artigo como a realização deliberada de um ato de violência por atores não estatais, sejam indivíduos ou grupos, a fim de criar medo público e distúrbios psicológicos mediante o sofrimento das vítimas, na promoção de uma agenda política, econômica, religiosa ou social de uma região geográfica específica.

Esses terroristas, que de outra forma poderiam ser considerados fundamentalistas islâmicos, parecem determinados a estabelecer um califado islâmico ou quase-islâmico em formato de Estado em toda a sub-região. Os grupos terroristas afiliados na sub-região incluem o Estado Islâmico (ISIS),

¹ Departamento de História e Estudos Estratégicos, University of Lagos. Lagos, Nigéria.
E-mail: osiomheyalo@gmail.com

a *Al-Qaeda* no Magrebe Islâmico (AQIM), o Movimento Nacional para a Libertação de Azawad (MNLA), os jihadistas tuaregues, entre outros grupos jihadistas emergentes. Aparentemente, os esforços de iniciativas intervencionistas, como o G5-Sahel, a Força-Tarefa Multinacional Conjunta (MNJTF), a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para Estabilização do Mali (MINUSMA), a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS, na sigla em inglês) e outros, não conseguiram erradicar os ataques fatais dos terroristas na África Ocidental.

É imperativo notar que existem preocupações tanto nacionais como internacionais sobre se as milícias, gangues e seitas, ou aqueles que se metamorfosearam para uma orientação violenta, são terroristas. Estes incluem, entre outros, as seitas Maitatsine e Xiita na Nigéria, os jihadistas tuaregues no Mali, e os violentos pastores Fulani em toda a sub-região. Além da extinta seita violenta Maitatsine em Kano, no norte da Nigéria, que invariavelmente ceifou milhares de vidas e propriedades durante a década de 1980, e que se caracterizou por pilhagem em massa, ataques a mulheres e assassinatos de cidadãos (Adegun 2017), acredita-se atualmente que os outros grupos tenham ligações com o *Boko Haram*, a ISWAP e o Estado Islâmico (ISIS). Por este motivo, este artigo está centrado no terrorismo, no que diz respeito aos conhecidos *Boko Haram* e ISWAP, incluindo os seus afiliados. A escolha dos países mencionados acima, que, em certa medida, atravessam a região ampla do Sahel na África Ocidental, é reflexo das atividades terroristas atuais (Chergui 2019; Pujol-Mazzini 2018).

As atividades terroristas foram intensificadas na região do Sahel após o caos que envolveu a Líbia como resultado da derrubada do longo ditador, Muammar Gaddafi, em 2011. As atividades de grupos terroristas incluem, entre outras, atentados suicidas, assassinatos em massa, estupros, mutilações, incêndios e sequestros. Estas atividades mortíferas e o sentimento geral de insegurança psicológica, sociopolítica e econômica de vidas e propriedades não se limitam, contudo, apenas a partes do Sahel, mas a toda a extensão e amplitude dos países em questão. De fato, os crimes hediondos cometidos pelo *Boko Haram*, ISWAP e seus afiliados transcendem as fronteiras nacionais dos estados da África Ocidental supracitados. Isto tomou um lugar central no atual discurso estratégico e de segurança global (Chergui 2019; Gberie 2016).

As atividades terroristas mortais do *Boko Haram* desde 2009 (especialmente na parte nordeste da Nigéria e na bacia do Chade), da ISWAP e de seus afiliados, conseguiram intensificar e agravar os desafios sociopolíticos e econômicos da Nigéria contemporânea, (colonizada pela Grã-Bretanha), Mali

e Burkina Faso (ambos colonizados pela França). Sucintamente, estes desafios incluem má governança, conflitos étnicos, fragilidade política, sequestros e economia débil, para mencionar alguns (Blake 2019; Pujol-Mazzini 2018; Arieff 2018).

Em termos qualitativos, a sub-região da África Ocidental abriga atualmente alguns dos países mais pobres do mundo, como Mali, Guiné-Bissau e Burkina Faso, entre outros. Isto acontece apesar do fenômeno contemporâneo da globalização, da integração regional e das “conexões hegemônicas coloniais”. Indiscutivelmente, diferentes fatores influenciaram o desempenho sociopolítico e econômico dos respectivos países da África Ocidental ao longo das décadas. Estes incluíam, entre outros, recursos humanos e materiais, estratégias de desenvolvimento, condições políticas e fontes de financiamento. Portanto, não é um empreendimento fácil fazer generalizações sobre o desenvolvimento socioeconômico da África Ocidental durante o período pós-colonial. É pertinente, portanto, enfatizar que não é intenção deste artigo enumerar, em termos quantitativos e estatísticos, os índices socioeconômicos dos respectivos estados da África Ocidental.

É importante notar que alguns trabalhos sobre a economia sociopolítica da África Ocidental já definiram um cenário para a análise dos desenvolvimentos contemporâneos. Estas obras (Ake 1983; Rodney 1972; Lawal 1997; Onyekpe 1997), discutem, entre outros tópicos, as dinâmicas das relações sociopolíticas e econômicas das nações desenvolvidas e subdesenvolvidas antes do século XX. Estes estudos identificaram algumas das causas fundamentais do subdesenvolvimento pós-colonial contínuo da África. Contudo, a questão da insurreição ou do terrorismo, e o seu agravamento dos desafios sociopolíticos e econômicos existentes na África Ocidental, não foi enfatizada nos trabalhos acima mencionados.

O trabalho de Kuerschner (2013) fornece uma análise da dinâmica dos conflitos na África Ocidental, focando nas Guerras Civis na Libéria e Serra Leoa durante o final do século XX. Ele observou que os fatores econômicos e sociopolíticos foram cruciais nos conflitos. Contudo, a restrição do estudo a esses dois países capta apenas um pequeno aspecto dos desafios sociopolíticos e econômicos inerentes à África Ocidental. O presente estudo pretende expandir o escopo, enfatizando como o surto e a intensificação do terrorismo no período contemporâneo teve fortes ligações com os contextos sociopolíticos e econômicos da sub-região desde o final do século XX.

Igualmente pertinentes são os trabalhos do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), intitulado *West Africa Economic Outlook* (2018), e o editado por Ogunremi e Faluyi (1996). Estes trabalhos fornecem uma análise bastante

abrangente da dinâmica econômica da sub-região. As obras sublinham até que ponto a economia em declínio da África Ocidental influenciou os índices de subdesenvolvimento, entre outros aspectos. No entanto, a sua incapacidade de enfatizar alguns dos fatores sociopolíticos cruciais que obstruíram diretamente a economia da sub-região, junto à dinâmica do terrorismo, cria uma lacuna em nossa compreensão do desenvolvimento histórico da sub-região. No entanto, o presente estudo pretende preencher esta grande lacuna.

Colocado em perspectiva, este artigo dá uma visão geral da ligação entre os períodos pós-colonial e pós-independência, sublinhando assim a intensificação contemporânea do terrorismo. Examina ainda as contribuições da ONU, ECOWAS, MINUSMA, G5-Sahel e outras iniciativas dos intervencionistas para o desenvolvimento da sub-região. Conclui-se oferecendo algumas perspectivas de desenvolvimento.

Desafios desde a independência: uma visão geral

As autoridades coloniais, no final do século XIX e o início do século XX, afirmaram sua hegemonia política e socioeconômica na sub-região. Alguns estudiosos consideram que, no processo, os mestres coloniais descobriram, expropriaram e exploraram os potenciais recursos humanos, minerais e naturais dos vários territórios em África. Daí o subdesenvolvimento da África (Onyekpe 1997; Claude Ake; 1983; Rodney 1972). Entretanto, outros estudiosos afirmam que embora o colonialismo tivesse os seus próprios deméritos, teve mais impactos positivos do que negativos na África (Gann e Duignan 1967). Para a presente análise, é imperativo notar que Fieldhouse (1999) e Ferguson (2003) expressaram as suas ressalvas sobre o impacto direto do colonialismo na África. Estes autores sustentam que, embora o aparente impacto negativo do colonialismo tenha sido o subdesenvolvimento, sua contribuição foi, no entanto, mínima e não deliberada.

Muitos dos Estados africanos continuaram a manter laços com suas antigas metrópoles coloniais, como os britânicos e os franceses, especialmente por meio de laços diplomáticos e interação econômica. As atividades de algumas empresas multinacionais estrangeiras, como a *United African Company* (UAC) e John Holts, podem ser relacionadas a esta característica. Aparentemente, estas empresas eram tecnicamente agentes europeus, notáveis pela sua exploração econômica massiva dos recursos africanos. No entanto, os equipamentos sociais, como escolas, transportes rodoviários, ferroviários e telégrafos, entre outras infraestruturas, foram ostensivamente

postos em prática pelos europeus em cada território colonial, mesmo que em graus variáveis. Na área da prestação de serviços de saúde convencionais, as autoridades coloniais estabeleceram clínicas, hospitais e dispensários na sub-região, como em Lagos (Nigéria), Acra (Gana) e Freetown (Serra Leoa). No entanto, até que ponto esses serviços foram utilizados desde a obtenção da independência ainda não foi determinado, pois a sub-região ainda carece de um sistema básico de saúde significativo e eficiente.

O século XX foi um marco na história e historiografia sociopolítica, cultural, diplomática e econômica da África Ocidental. Em particular, muitos países da sub-região, exceto a Libéria, conseguiram a sua independência das antigas metrópoles coloniais (europeias), como a Grã-Bretanha, França, Bélgica e Portugal. Curiosamente, algumas partes da sub-região, incluindo a Nigéria, Mali e Senegal, entre outras, já tinham sido influenciadas pela civilização islâmica séculos antes do advento dos europeus. Contudo, a hegemonia destes últimos foi suficientemente forte para transformar significativamente o arranjo, até então pré-colonial, para o estatuto convencional. Alguns estudiosos como Rodney (1972) e Onyekpe (1997), entre outros, opinaram que foi devido às contradições exibidas pela administração colonial em relação aos africanos que se abriu o caminho para alguns dos desafios sociopolíticos e econômicos testemunhados no período contemporâneo.

Desde que a independência política dos países em foco foi conquistada coletivamente, os desafios econômicos e sociopolíticos foram gradualmente ganhando terreno. Esta situação, entre outros fatores, poderia ser atribuída, em parte, às divisões que as potências ocidentais, deliberadamente ou não, impuseram ao continente, de tal forma que foram criadas demarcações artificiais de Estados sem o consentimento dos africanos locais (Watson 1980, 307). Em termos claros, a sub-região testemunhou conseqüentemente uma série de convulsões e intrigas políticas durante os anos pós-1960. Obviamente, estes desafios frustraram as verdadeiras ligações cooperativas regionais (Olagbaju e Falola, 226-227), entre outros contextos socioeconômicos e estrangeiros na África Ocidental.

Além disso, desde a obtenção da independência, os países da sub-região continuaram a sofrer de um déficit incessante no balanço de pagamentos (Lawal 1997, 210). A importação de capitais e bens de consumo, de forma massiva, para financiar projetos de desenvolvimento interno, foi em grande parte responsável por este desafio. Assim, os respectivos países tiveram de adotar políticas monetárias, fiscais e cambiais para manter o equilíbrio externo e conservar as reservas de divisas.

A incapacidade ou falta de acesso aos mercados financeiros externos é outro problema enfrentado pelos países em desenvolvimento (incluindo os da África Ocidental). Todos os empréstimos que os países em desenvolvimento conseguiram obter acabaram por acumular enormes dívidas e encargos com juros. Assim, o capital externo foi utilizado para cobrir o pagamento de juros em vez de investimentos ao longo dos anos. As últimas estimativas econômicas mostram que a África Ocidental luta contra um elevado nível de pobreza, com os trabalhadores informais (estimado em cerca de 80% em geral na África) recebendo salários abaixo da linha de pobreza. As estimativas mostram, portanto, que cerca de 43% da população coletiva da sub-região vive abaixo da linha de pobreza internacional de US\$ 1,90 por dia (BAD 2018, 4).

Com base na experiência colonial, os países da África Ocidental ainda mantêm laços comerciais e monetários com seus antigos administradores coloniais, especialmente na Europa, e com outros países industriais, como os EUA, Japão e Canadá. Estas potências estrangeiras, porém, têm diferentes orientações ideológicas. Aparentemente, o desequilíbrio comercial entre os países da África Ocidental constitui um importante obstáculo à integração e desenvolvimento econômico “real” (Olagbaju e Falola, 234-235; Lawal 1997, 210). Isto se dá apesar da criação da ECOWAS em 1975. A ECOWAS tinha como objetivo promover a integração econômica, bem como manter a segurança coletiva da sub-região. No entanto, com os seus 16 países membros, a ECOWAS ainda se depara com miríades de desafios sociopolíticos e econômicos. Em essência, a sub-região ainda carece de integração econômica “real”, entre outros desafios como alta mortalidade, desemprego, sistemas de saúde inadequados, fronteiras porosas, degradação ambiental, corrupção, má governança, intolerância religiosa e étnica e, mais recentemente, o terrorismo. Todos estes desafios encorajam, sem dúvida, o subdesenvolvimento sociopolítico e econômico.

Mais importante ainda, as referidas potências coloniais e estrangeiras estão, desde então, conscientes dos perigos que lhes poderiam advir se a ECOWAS se unisse na sua busca da grandeza sociopolítica e econômica. Além disso, a formação de mais uma união no seio da ECOWAS, a CEAO (a Comunidade Econômica da África Ocidental francófona) poderá provavelmente constituir um obstáculo à finalidade e objetivo global da ECOWAS (Olagbaju e Falola, 226-227).

Lamentavelmente, com a elevada disponibilidade de recursos humanos, minerais e naturais, tais como petróleo bruto, gás, energia, chumbo/zinco, reservas de minério, vida selvagem, terra, cursos de água, borracha, cacau e ouro, entre outros, a sub-região, no entanto, continua a ser uma das mais

subdesenvolvidas do mundo. A Nigéria, por exemplo, é a nação mais populosa da África Ocidental, com mais de 200 milhões de pessoas (Aworinde 2019). É também um dos maiores produtores de petróleo bruto do mundo e uma economia muito grande na África. No entanto, os desafios sociopolíticos e econômicos continuam a se agravar. Apesar dos esforços do Governo Federal da Nigéria para melhorar estas condições, existe, por exemplo, um subfinanciamento dos setores da economia, incluindo a educação e a saúde.

Geralmente, existe uma elevada taxa de mortalidade, apesar da disponibilidade de hospitais, médicos e equipamentos na África Ocidental. Neste sentido, os esforços para remediar as insuficiências nos cuidados de saúde, especialmente durante o final do século XX, incluíram a Iniciativa Bamako. Concisamente, não se alcançou muito com esta Iniciativa, uma vez que os respectivos países da sub-região continuaram a experimentar insuficiências na prestação de serviços de saúde aos seus cidadãos (McPake et al 1993, 1383-95; Odejide e Morakinyo 2003, 164-65). Pode-se então comparar a operacionalidade e acessibilidade destes serviços na África Ocidental pós-independência com o que se obtém nas Sociedades Desenvolvidas, como a Europa ou os EUA? Além destes, a percepção dos cidadãos em relação aos seus vários governos no que diz respeito à transparência administrativa, sinceridade de propósito e políticas de desenvolvimento comprometidas, representam outro grande desafio para o desenvolvimento da África Ocidental.

A negligência deliberada ou o abandono dos deveres públicos e privados, a aquisição ilegal de recursos públicos, o nepotismo, junto à insinceridade de objetivos, entre outros, são responsáveis pela corrupção endêmica que prevalece na África Ocidental contemporânea. Do mesmo modo, o nível de corrupção financeira e a irresponsabilidade administrativa demonstrada por muitos funcionários governamentais na África Ocidental, e a incapacidade de reforçar as instituições anticorrupção, tais como a Comissão Independente de Práticas Corruptas (ICPC) e a Comissão de Crimes Econômicos e Financeiros (EFCC), ambas na Nigéria, contribuem para os desafios contemporâneos. Além disso, a incapacidade da Polícia de processar alguns dos “alegados” funcionários corruptos com sucesso, complica ainda mais os desafios inerentes à África Ocidental. É importante notar também que enquanto alguns dos fundos pilhados por esses funcionários supostamente corruptos são escondidos localmente, a maioria é depositada em instituições financeiras estrangeiras.

Ironicamente, a mera disponibilidade de infraestruturas socioeconômicas modernas como a Internet, aeroportos, meios eletrônicos, agricultura mecanizada, sistema de transportes modernizado, escolas, entre outros serviços convencionais, não se traduz, de forma alguma, em um verdadeiro

desenvolvimento nacional. A operacionalidade destes serviços, e a sua acessibilidade à maioria das pessoas, bem como servir a essência do propósito, produtiva, positiva e propositadamente, continuam deixando a desejar. Estes, entre outros fatores, dificultam o crescimento e desenvolvimento holístico da África Ocidental moderna.

Terrorismo: o desafio contemporâneo

Uma avaliação dos desafios sociopolíticos e econômicos discutidos anteriormente contribuiu imensamente para a fecundidade, disseminação e intensificação das atividades terroristas nas áreas de estudo (Pujol-Mazzini 2018; Blake 2019). Sem estereótipos, estes desafios, que incluem fronteiras porosas ao longo da região do Sahel, má governança, infraestrutura inadequada, instabilidade política, rivalidade étnica, falta de vontade política para combater a insurreição, sabotagem, formação e financiamento inadequado dos agentes de segurança (Chergui 2019), desconfiança étnico-religiosa e desemprego juvenil, entre outros, têm ajudado significativamente à rápida propagação do terrorismo pela sub-região.

Um exemplo típico é a postulação de Blake (2019) de que o elevado nível de instabilidade política e pobreza tem sido largamente responsável pela intensificação do terrorismo na sub-região, citando o exemplo da Guiné-Bissau contemporânea. Isso é semelhante ao que se obtém em outras partes da África Ocidental, tais como Burkina Faso, Mali e Nigéria. Em alguns casos, os jovens desempregados ou pobres desses países são facilmente atraídos com dinheiro para serem recrutados em organizações terroristas como, por exemplo, o *Boko Haram* e suas afiliadas. Assim, o fracasso da liderança, as instituições fracas de procuradoria e de aplicação da lei, entre outros contextos sociopolíticos e econômicos, não podem ser eximidos da atual propagação do terrorismo na sub-região.

Respectivos países da África Ocidental haviam experimentado uma série de turbulências sociopolíticas desde a conquista da independência. Estas compreenderam desde os vários golpes militares, pouco depois da independência, até as Guerras Civis, incluindo as rivalidades regionais e étnico-religiosas, entre outras. Aparentemente, grupos terroristas islâmicos, como o *Boko Haram* e a ISWAP, ambos ligados ao ISIS, à *al-Qaeda* e outros, começaram a voltar a sua atenção para os países da África Ocidental, notadamente a Nigéria, Mali, Burkina Faso e mesmo o Senegal, uma das nações

mais estáveis da África Ocidental, especialmente depois do período colonial (Pujol-Mazzini 2018).

Estes terroristas são jihadistas, com orientação extremista islâmica ou quase-islâmica. Pelo menos na África, estes grupos terroristas estão determinados a estabelecer um enorme califado islâmico com aspirações estatais (Gberie 2016), tendo ligações diretas com o Oriente Médio, o Magrebe, o Chifre da África, até o território subsaariano, invariavelmente aterrorizando os habitantes dentro destas regiões. Os terroristas também podem afirmar estar insatisfeitos com a ordem sociopolítica existente. Por exemplo, a designação *Boko Haram* significa simplesmente “educação ocidental ou não islâmica é um pecado” (Kelly 2019). Assim, na prossecução desta ideologia antiocidental e não convencional, este grupo, tal como outros, recorre ao ataque a qualquer entidade ou arranjo convencional encontrado dentro da sua região alvo. O grupo recorre, portanto, à guerra não convencional, a sequestros, a atentados suicidas e ao assassinato em massa de cidadãos insuspeitos em locais de culto, mercados, quartéis militares e escolas, entre outros locais públicos e privados.

A pobreza é um fator crucial para a propagação do terrorismo. Burkina Faso, por exemplo, está entre os países mais pobres da África, com cerca de metade da população vivendo abaixo da linha da pobreza aprovada internacionalmente de 1,90 dólares por dia (ADB 4, Blake 2019). Isso é agravado pela instabilidade política, sequestros e assassinatos. Estas condições contribuíram sem dúvida para a infiltração e propagação de grupos terroristas internacionais, como a ISWAP e seus afiliados dentro e fora do país. Desde que o regime do ex-presidente Blaise Campaore foi derrubado em 2014 por uma revolução popular, Burkina Faso já sofreu mais de 200 ataques de grupos terroristas com ligações internacionais com a *Al-Qaeda* e o Estado Islâmico. O aumento do número de ataques tem sido atribuído ao declínio do aparelho de segurança e à instabilidade política generalizada no país. Invariavelmente, a instabilidade política interna serviu como catalisador para o rápido influxo de insurgentes. Assim, a consequência disto tem sido a perpetração de talvez alguns dos ataques mais perversos da história do Burkina Faso. Um exemplo típico neste aspecto é o ataque de janeiro de 2016 ao Hotel Splendid em Ouagadougou, que matou cerca de 30 pessoas (Blake 2019; Gberie 2016).

No Mali, a violência étnica e a instabilidade política desde a década de 1960 contribuíram em grande medida para as atividades bastante desimpedidas das afiliadas AQIM, *al-Qaeda*, MNLA, ISWAP e *Boko Haram* até o período contemporâneo. Evidentemente, há um agravamento da violência

em grande parte entre os jihadistas muçulmanos e os malianos. Isso levou ainda mais à violência intercomunal ou inter-étnica. Para além dos ataques violentos dos extremistas, o Mali também sofre atualmente com o desafio dos separatistas, uma vez que a etnia tuaregue no Norte está tentando obter autonomia política. Embora o regime do ex-presidente Moussa Traore tenha reprimido a rebelião tuaregue, os confrontos armados e os ataques dos jihadistas continuaram, apesar do acordo de paz de janeiro de 1991 (Nossiter 2012). Um notável ataque mortal de terroristas no Mali ocorreu em novembro de 2015, quando alguns grupos terroristas afiliados, que afirmavam ser AQIM, atacaram o Hotel Radisson Blu em Bamako, matando 22 pessoas, incluindo dois agressores (Gberie 2016). Estes desafios, assim como as más condições ambientais, tais como a seca recorrente, o elevado crescimento demográfico, infraestrutura decrépita, entre outros, continuam a minar o processo de desenvolvimento do Mali contemporâneo (Arieff 2018).

Além disso, a insurgência do *Boko Haram* em partes da Nigéria e da Bacia do Chade está entre os desafios enfrentados pela África Ocidental contemporânea. Com os violentos ataques terroristas a cidadãos inocentes, propriedades públicas e privadas, entre outros, o panorama sociopolítico e econômico dos países afetados é seriamente distorcido, sem qualquer desenvolvimento socioeconômico significativo. A isto se junta o trauma psicológico vivido tanto por jovens como por idosos que são apanhados na teia dessas guerrilhas violentas ou dos ataques surpresa dos terroristas. Enquanto isso, a violência injustificada, como é evidente no nordeste da Nigéria e na Bacia do Chade, resultou na morte de mais de 27.000 pessoas. Também afetou cerca de 2 milhões de outras pessoas deslocadas e com grande necessidade de serviços humanitários (OMS 2019; Kelly 2019).

Um desenvolvimento mais recente indica que a ISWAP está entrenchando-se fortemente na Nigéria e em partes da bacia do Chade. Este grupo terrorista tem sido capaz de influenciar algumas das populações locais que aceitaram cumprir a sua regra e ideologia. A este respeito, os habitantes locais que tenham aderido ao estilo de governança bastante favorável da ISWAP podem levar a cabo atividades socioeconômicas sem entraves. Assim, a ISWAP tem conseguido ganhar o apoio dos residentes locais, de tal forma que mais terroristas são facilmente recrutados a partir da população jovem (ISSAT 2019).

Aparentemente, os grupos terroristas *Boko Haram* e ISWAP são patrocinados por estrangeiros e outros afiliados. Assertivamente, há também outros colaboradores internos “não identificados” que estão determinados a sabotar os esforços do governo na guerra contra o terrorismo (Umeh 2019). Há também indícios de que existam motivações socioeconômicas por detrás

dos ataques terroristas. Na parte norte da Nigéria, mais precisamente no estado de Zamfara, estão em curso atividades violentas de “bandidos”, conhecidos por aterrorizar e matar cidadãos inocentes, utilizando-se de armas, tais como AK-47, catanas e dinamite, entre outras, para saquear, expropriar, assassinar, estuprar e mutilar. Aparentemente, os desafios socioeconômicos e de segurança aumentaram consideravelmente, deixando milhares de habitantes deslocados carentes de assistência humanitária (Sahara Reporters 2019).

Imperativamente, estas crises sociopolíticas têm uma consequência negativa direta sobre as vidas e propriedades dos territórios afetados. Isso levanta, invariavelmente, a questão da prestação e aplicação de serviços de saúde adequados às vítimas de ataques terroristas e outras formas de violência. Embora a Convenção de Genebra proíba ataques a instalações de serviços de saúde durante guerras, tais incidências continuam ocorrendo na África Ocidental, como consequência do terrorismo e da violência étnica. Na região norte da Nigéria e na Bacia do Chade, no Mali e em Burkina Faso, a prestação de serviços de saúde é criticamente dificultada pela insegurança gerada pelos terroristas do *Boko Haram* e da ISWAP. Em 2016, dois terços dos 743 estabelecimentos de saúde na Nigéria, por exemplo, foram completamente danificados ou destruídos por ataques terroristas, deixando assim um grande número de pessoas incapazes de obter acesso aos serviços humanitários (OMS 2017).

Intervenções e contribuições estrangeiras

A comunidade internacional tem contribuído imensamente para a luta contra o terrorismo e outras formas de violência política na sub-região. A contribuição das Nações Unidas a este respeito não pode ser subestimada. Em setembro de 2006, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Estratégia Global Antiterrorista das Nações Unidas. O objetivo era aperfeiçoar os esforços nacionais, regionais e internacionais para combater o terrorismo mediante uma abordagem estratégica e operacional comum. Por extensão, a estratégia visa tomar medidas práticas, individual e coletivamente, para prevenir e combater o terrorismo em nível global (ONU 2006). Antes de 2006, as atividades do ECOMOG (Grupo de Monitoramento da ECOWAS, na sigla em inglês) e das missões de manutenção da paz da ONU na Libéria e na Serra Leoa durante as guerras civis em ambos os países também são dignas de nota (Kuerschner 2013). Outros esforços na guerra contra o terrorismo e no reforço da paz e segurança regional na África Ocidental têm sido realizados pelos EUA e outras iniciativas antiterrorismo.

Nos esforços para reduzir e combater o terrorismo na sub-região, os EUA prometeram recentemente a soma de 60 milhões de dólares para construir uma nova força antiterrorista africana. Isto além da presença de uma força regional das Nações Unidas na África Ocidental. Esta Força é constituída por tropas americanas e europeias (Pujol-Mazzini 2018). A ONU também tem continuado a sensibilizar para a necessidade de apoiar os esforços humanitários na sub-região. Em um estudo recente, por exemplo, o escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários estima que cerca de 1,2 milhão de pessoas precisem atualmente de assistência humanitária especial, devido a conflitos étnico-políticos e ataques terroristas em Burkina Faso (Blake 2019).

Outro esforço intervencionista em curso do governo dos EUA na África Ocidental é a PSI (Iniciativa Pan Sahel, na sigla em inglês), que funcionou entre 2002 e 2004. Posteriormente, abriu o caminho para a TSCTI (Iniciativa Transaariana de Luta Contra o Terrorismo, na sigla em inglês) em 2005. Foi incorporada ao Comando Africano dos Estados Unidos em 2008. A TSCTI foi uma versão expandida da PSI, com objetivos e metas semelhantes. Enquanto a PSI era composta por países parceiros incluindo o Chade, Mali, Níger e Mauritânia, os países parceiros da TSCTI incluem atualmente Nigéria, Burkina Faso, Mali, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Chade e Senegal. Em primeiro lugar, a TSCTI visa combater o terrorismo na sub-região e a ajudar os respectivos governos a controlar e proteger os seus territórios contra a incursão de terroristas (Miles 2005).

Do mesmo modo, os EUA continuam, desde 2015, a apoiar a questão da segurança alimentar e do desenvolvimento agrícola na região nordeste da Nigéria, propensa a conflitos (FAO 2106). De acordo com relatórios recentes, os EUA gastaram, na forma de intervenção, cerca de 165 milhões de dólares para apoiar os agricultores e deslocados no país para restaurar a segurança alimentar, combater a fome severa e a subnutrição, bem como desenvolver o setor agrícola em geral. Esta intervenção, por meio de uma iniciativa conhecida como *Feed the Future Global Food Security Strategy* (Plano Nacional da Nigéria), também se concentra na melhoria das condições no nordeste da Nigéria, onde o terrorismo tem prejudicado muito a agricultura, entre outras consequências socioeconômicas (Base Agrícola 2019).

No Mali, por exemplo, as tropas estrangeiras da Europa (particularmente da antiga metrópole colonial - os franceses) contribuíram para a obtenção da paz mediante a luta contra o terrorismo. Da mesma forma, a MINUSMA foi encarregada da tarefa de proteger os civis e apoiar o processo de paz. Igualmente importante é o programa plurianual da União Europeia (UE) para treinar e reestruturar os militares malianos. Em 2017, uma força

regional, chamada G5-Sahel, composta por cinco países vizinhos, incluindo Mali, Mauritânia, Níger, Burkina Faso e Chade, lançou uma força conjunta para combater as ameaças à segurança nas regiões fronteiriças. Até agora, a iniciativa tem recebido o apoio de doadores, mas conduziu poucas operações até a presente data. No entanto, o G5-Sahel, com a sua sede operacional no centro do Mali, enfrenta atualmente alguns desafios, uma vez que os ataques terroristas continuam a prolongar-se (Arieff 2018). O financiamento inadequado da força G5-Sahel, bem como de outras, é largamente responsável por alguns dos desafios na sub-região.

Na prestação de cuidados de saúde e serviços humanitários às vítimas de ataques terroristas, incluindo outras formas de conflitos na África Ocidental contemporânea, a Organização Mundial de Saúde (OMS) tem continuado a desempenhar um papel importante. Deve-se notar que a OMS é responsável pela coordenação geral dos serviços de saúde, junto à interface de mecanismos de segurança nas zonas de conflito em todo o mundo. É também responsável por apoiar as autoridades nacionais de saúde dos respectivos países no sistema internacional para fortalecer suas principais responsabilidades. Assim, no nordeste da Nigéria, por exemplo, a OMS tem sido capaz de apoiar o governo do estado de Borno a estabelecer um Centro de Operações de Emergência de todos os tipos. No entanto, em 2017, apenas um terço do financiamento solicitado foi recebido pela OMS e seus parceiros de saúde, tornando assim inadequada a prestação de serviços humanitários e outros serviços de saúde às vítimas e sobreviventes de ataques terroristas, entre outras formas de conflitos na sub-região. Em geral, uma vez que o objetivo da OMS é enfrentar as ameaças globais à saúde, esta tem sido capaz, até agora, de apoiar mais de seis milhões de refugiados e pessoas deslocadas internamente na África contemporânea (OMS 2017).

Conclusão

Aparentemente, o terrorismo foi o mais proeminente dos desafios na região do estudo. Do ponto de vista histórico qualitativo, as contradições inerentes às dinâmicas internas e externas da administração colonial foram invariavelmente responsáveis pelos desafios sociopolíticos e econômicos pós-independência enfrentados na sub-região. Além dos desafios desde os anos 1960, os anos 2000 foram marcados por incessantes ataques terroristas nas áreas estudadas (Chergui 2019). O estabelecimento da Estratégia Global Antiterrorista da ONU em 2006 certamente desempenhou um papel crucial na cruzada contra o terrorismo na sub-região e em outras partes de

África (Miles 2005). No entanto, continua em discussão até que medida esta estratégia foi adotada e domesticada nos países em consideração, uma vez que continuam a repetir-se atos terroristas mortais.

Conforme o discurso acadêmico acerca do fenômeno global do terrorismo, é pertinente notar que estes desafios não se limitam apenas à África Ocidental. Nas regiões Leste, Central e do Norte da África contemporânea, países como Quênia, Somália, Sudão, República Democrática do Congo e Tunísia, entre outros, enfrentam sérios desafios locais, nacionais, regionais e sociopolíticos. Estes desafios, que atravessam os meios sociopolíticos e econômicos, são ainda agravados pelas atividades mortíferas do terrorismo, como *al-Shabaab* no Leste, *al-Qaeda* e os jihadistas extremistas no Norte e as Forças Aliadas na África Central e Oriental.

Reconhecendo os papéis desempenhados pela ONU, EUA, UE, ECOWAS, G5-Sahel, MINUSMA e TSCTI, entre outros, os já mencionados países da África Ocidental ainda estão entre as nações mais pobres. Não é de se admirar que a ISWAP esteja atualmente ganhando apoio de civis em partes de seus territórios conquistados no nordeste da Nigéria e na Bacia do Chade. A estrutura de governança aparentemente favorável da ISWAP nestes territórios encorajou ainda mais o fácil recrutamento de jovens para o grupo terrorista (ISSAT 2019).

É, por isso, instrutivo defender a necessidade de enfrentar os desafios sociopolíticos e econômicos internos inerentes a estes Estados da África Ocidental, para que o terrorismo não tenha mais “um terreno fértil para crescer”. Portanto, os respectivos governos da sub-região devem demonstrar a necessária sinceridade, vontade política e compromisso para, com urgência, colocar o ambiente sociopolítico e econômico no caminho do crescimento e do desenvolvimento. A este respeito, devem ser proporcionadas oportunidades de emprego e de educação adequadas para a população jovem na área do estudo. A boa governança e os princípios “reais” da democracia devem ser aprendidos, encorajados e praticados. Os líderes políticos desses países devem procurar evitar a corrupção, o nepotismo, a intolerância religiosa, a rivalidade étnica e o partidatismo etc., e concentrar-se no desenvolvimento geral dos seus países sem preconceitos ou vieses étnico-religiosos.

A economia deve ser gerida por profissionais experientes, com ideologias nacionais claramente definidas para a construção positiva de uma nação, de modo a atrair tanto investidores locais como estrangeiros. A arquitetura global da segurança deve ser bem financiada pelas autoridades competentes. As respectivas fronteiras internas na sub-região devem ser bem equipadas por agentes de segurança patrióticos. A proliferação de armas de fogo através das

fronteiras também deve ser verificada. Neste contexto, os militares e outros agentes de segurança devem ser bem treinados, equipados e remunerados no decurso do seu serviço, para proteger vidas e propriedades dentro dos respectivos países. Ao fazê-lo, as atividades terroristas contemporâneas e seu crescimento desenfreado na sub-região seriam reduzidos.

Na área da cooperação sub-regional, integração e desenvolvimento, o presente artigo recomenda que:

1. A resolução da Estratégia Global Antiterrorista da ONU de 2006 deve ser estritamente cumprida e adotada, individual e coletivamente, pelos respectivos países da sub-região. Esta resolução bastante abrangente prevê, geralmente, ações colaborativas, combativas, preventivas e de proteção contra o terrorismo na sub-região, bem como em nível global.
2. A declaração de missão, as finalidades e os objetivos da ECOWAS devem ser estritamente cumpridos e aplicados ativamente, sem preconceitos étnicos, sociopolíticos ou diplomáticos. Os países membros e as instituições da ECOWAS, sem ter em conta as suas antigas filiações coloniais, devem esforçar-se para incentivar o comércio e a liberdade mútua entre Estados, a gestão eficiente dos recursos, o fornecimento de infraestrutura de transporte adequada, a oferta de educação de qualidade e de oportunidades de emprego para os numerosos jovens. Devem também fazer cumprir a segurança coletiva dos Estados membros, utilizando-se dos órgãos e instituições governamentais necessários. Ao fazê-lo, desafios socioeconômicos como a pobreza, o desemprego e as restrições comerciais etc., seriam problemas do passado. Os governos da ECOWAS devem assumir um papel central e ativo a este respeito.
3. Tendo em conta que a ECOWAS permite atualmente aos cidadãos dos Estados membros viajar pela sub-região sem vistos, bem como os desafios assustadores de um controle fronteiriço deficiente, como o tráfico de pessoas e de armas, os serviços militares de inteligência deveriam, com urgência, ser utilizados de modo que indivíduos ou grupos suspeitos de terrorismo sejam monitorados e seguidos assim que entram nos respectivos países em toda a África Ocidental. Do mesmo modo, há necessidade de reforçar os laços diplomáticos cordiais entre os estados da sub-região. Ao fazê-lo, poderia se impedir que o terrorismo se espalhasse pelas fronteiras.

4. Talvez, por meio da instituição da ECOWAS ou de qualquer das iniciativas sub-regionais de combate ao terrorismo, os funcionários governamentais e os terroristas em Mali, Nigéria e Burkina Faso deveriam empenhar-se mais em programas de diálogo e de anistia viáveis. Neste contexto, as agências nacionais de aplicação da lei devem restringir também a movimentação dos terroristas locais, para evitar que cruzem as fronteiras. Um exemplo típico é a insurgência do *Boko Haram*. Este grupo foi inicialmente considerado como meros militantes na parte nordeste da Nigéria e, portanto, não recebeu a atenção militar necessária antes de se transformar em um grupo terrorista internacional completo, que se espalhou para outros países da África Ocidental.
5. A OMS, bem como os seus parceiros nos respectivos países da África Ocidental, deve esforçar-se para estabelecer um sistema viável de coleta de dados sobre ataques terroristas contra profissionais de saúde, instalações de saúde e pacientes, pois isso ajudará na avaliação global, controle e prevenção de ameaças à saúde, bem como na prestação de cuidados de saúde e de segurança para todos. A este respeito, os crimes de guerra cometidos por terroristas devem ser judicialmente e adequadamente tratados, com um sentido de propósito, pelos respectivos sistemas judiciais nacionais em toda a África Ocidental, pelo Tribunal da ECOWAS e/ou, pelo Tribunal Penal Internacional.
6. Sem preconceitos às filiações coloniais ou diplomáticas estrangeiras, os Estados membros da ECOWAS devem fazer da segurança regional a sua palavra de ordem. Esses países não devem financiar ou conspirar com grupos terroristas, pois a repercussão desse ato detestável poderia significar a ruína não só para o conspirador, mas também para a sub-região como um todo. Isso porque os grupos terroristas, às vezes, agem de forma irracional e se desviam de seus objetivos específicos para infligir calamidade indescritível a qualquer alvo mediante atentados suicidas, sequestros e ataques a alvos brandos, tais como entidades públicas e privadas.
7. As iniciativas de combate ao terrorismo na sub-região, como o G5-Sahel, MNJTF, TSCTI e outros, devem exercer a sinceridade de propósito necessária nos seus esforços antiterroristas. Devem ser igualmente bem financiadas pelos países doadores, sem quaisquer segundas intenções ou tendências conspiratórias com terroristas.

REFERÊNCIAS

- Adegun, Aanu. 2017. "Maitatsine: Story of Nigeria's Bloody religious Terror of the 80s- Grandfather of Boko Haram." Legit. <https://www.legit.ng/amp/1101391-maitatsine-story-nigerias-bloody-religious-terror-80s-grandmother-boko-haram.html>.
- Africa Development Bank. 2018. *West Africa Economic Outlook*.
- Agric Base. 2019. "US invests \$165m on Nigeria's agriculture in four years." Agric Base. Aug. 19, 2019. https://agricbase.com/newsdetails/U_S_invests_165m_on_Nigeria_s_agriculture_in_four_years.
- Ake, Claude. 1983. *A Political Economy of Africa*. London: Longman.
- Arieff, Alexis. 2018. "Conflicts in Mali." Congressional Research Service, 19 Sept. 2018. <http://www.fas.org/spg/crs/row/IF10116.pdf>.
- Aworinde, Tobi. 2019. "Nigeria's Population Hits 190 Million- Population Commission." The Punch, July 9, 2019. <http://www.google.com/amp/s/punchng.com/nigerias-population-hits-190-million-population-commission/amp>.
- Blake, James. 2019. "Terrorism Threatens a Former Oasis of Stability in West Africa." Foreign Policy, Feb. 1, 2019. <http://www.foreignpolicy.com/2019/02/01/terrorism-threatens-a-former-oasis-of-stability-in-west-africa-burkina-faso-mali-campaore>.
- Chergui, Smail. 2019. "Terrorism Expanding in Sahel, AU Security Chief warns," The Sun, Feb. 12, 2019. <https://www.sunnewsonline.com/terrorism-expanding-in-sahel-au-security-chief-warns>.
- Ellis, Stephen. 1999. *The Mask of Anarchy, The Destruction of Liberia and the Religious Dimension of an African Civil War*. London; G. Murst.
- Ferguson, Niall. 2003. *Empire: How Britain made the Modern World*. USA: Penguin.
- Fieldhouse, D.K. 1999. *The West and the Third World*. Oxford and Malden: Blackwell.
- Food and Agriculture Organization (FAO) of the United Nations. 2016. *FAO*. Aug. 19, 2016. <http://www.fao.org/emergencies/fao-in-action/stories-detail/en/c/429816/>.
- Gann, Lewis H. and Duignan, Peter. 1967. *The Burden of Empire: A Reappraisal of Western Colonialism South of the Sahara*. Hoover Institution Archives.

- Gberie, Lansana. 2016. "Terrorism Overshadows Internal Conflicts." *Africa Renewal*, Apr. 2016, <http://www.un.org/africarenewal/magazine/april-2016/terrorism-overshadows-internal-conflicts>.
- International Security Sector Advisory Team (ISSAT). 2019. "Facing the Challenge of the Islamic State in West Africa Province." ISSAT. Aug. 12, 2019. <https://issat.dcaf.ch/fre/Apprendre/La-bibliotheque-des-ressources/Recherches-et-documents-strategiques/Facing-the-Challenge-of-the-Islamic-State-in-West-Africa-province>.
- Kelly, Fergus. 2019. "ISWAP Killed 'dozens' of Nigeria and Chad troops near Baga in July 29 Clashes." *The Defense Post*, Aug. 1, 2019. <http://thedefensepost.com/2019/08/01/nigeria-baga-iswap-borno>.
- Kuerschner, Mareike. 2013. "Conflicts in African States". 15 Apr. 2013. <http://www.e-ir.info/2013/03/15/conflicts-in-west-african-states/>.
- Lawal, A.A. 1997. "The Economy and the State from the Precolonial Times to the Present." In *Nigerian Peoples and Cultures*, edited by Akinjide Osuntokun & Ayodeji Olukoju, 210-74. Ibadan: Davidson Press.
- McPake, B., Hanson K., & Mills, A. 1993. "Community Financing of Health Care in Africa: An Evaluation of the Bamako Initiative." *Social Science and Medicine* 36, no. 11: 1383-95.
- Miles, Donna. 2005. "New Counter terrorism Initiative to Focus on Saharan Africa." US Department of Defense News Article, May 16, 2005. https://web.archive.org/web/20070115212856/http://www.defenselink.mil/news/May2005/20050516_1126.html.
- Nossiter, Adam. 2012. "Jihadists' Fierce Justice Drives Thousands to Flee Mali." *The New York Times*, July 18, 2012.
- Odejide, Olabisi & Morakinyo, Jide. 2003. "Mental Health and Primary Care in Nigeria." *World Psychiatry* 2, no. 3 (Oct): 164-65.
- Ogunremi, G.O. and Faluyi, E.K. 1996. *An Economic History of West Africa since 1750*, Ibadan: Rex Charles.
- Olagbaju, J. and Falola, Toyin. 1996. "Economic Cooperation: The ECOWAS Example." In *An Economic History of West Africa since 1750*, edited by G.O. Ogunremi and E.K. Faluyi, 225-27, Ibadan: Rex Charles.
- Olagbaju, J. and Falola, Toyin. 1996. "Post-independence Economic Challenges and Development." In *An Economic History of West Africa since 1750*, edited by G.O. Ogunremi and E.K. Faluyi, 234-35, Ibadan: Rex Charles.

- Onyekpe, J.G.N. 1997. "Western Influence on Nigeria in the Era of 'New Imperialism.'" In *Nigerian Peoples and Cultures*, edited by Akinjide Osuntokun & Ayodeji Olukoju, 220-45. Ibadan: Davidson Press.
- Pujol-Mazzini, Anna. 2018. "Islamist Terrorist Groups are Turning their Attention to West Africa." *Washington Post*, 3 July 2018, www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/07/03/islamist-terrorist-groups-are-turning-their-attention-to-west-africa/?noredirect=on&utm_term=.7c5ac71bdae3.
- Rodney, Walter. 1972. *How Europe Underdeveloped Africa*. London: Bogle-L'Ouverture Publications.
- Sahara Reporters. 2019. "Bandit Commanders Agree To Suspend Attacks in Zamfara." Sahara Reporters. July 20, 2019. <http://sharareporters.com/2019/07/20/bandit-commanders-agree-suspend-attacks-zamfara>.
- Umeh, Kanayo, and Alabi. 2019. Abdulganiyu. "Foreign Powers Sponsoring Terrorism-Army Alleges." *The Guardian*, May 5, 2019. <http://m.guardian.ng/news/foreign-powers-sponsoring-terrorism-army-alleges/>.
- United Nations. 2006. "UN Global Counter-Terrorism Strategy." United Nations. Sept. 8, 2006. <https://www.un.org/counterterrorism/ctitf/en/un-global-counter-terrorism-strategy>.
- Watson, Jack. 1984. *Success in Twentieth Century World Affairs from 1919 to the 1980s*. London: John Murray Publishers Ltd.
- WHO Regional Office for Africa. 2017. "Panel Discussion on the Health Impact of War and Terror: Coordinating Aid: Talking Points of the WHO Regional Director in Africa." World Health Organization. <http://www.afro.who.int/regional-director/speeches-messages/health-impact-war-terror-aid-dr-matshidiso-moeti-talking-points>.

RESUMO

Este artigo tenta uma análise histórica qualitativa da ligação entre aspectos de desafios sociopolíticos e a intensificação do terrorismo na pós-independência da Nigéria, de Burkina Faso e do Mali. A análise é especialmente restrita a grupos terroristas como o Boko Haram e a Província do Estado Islâmico na África Ocidental (ISWAP). Pequenas referências, no entanto, são feitas a outros países africanos e grupos terroristas como a Al-Qaeda, o ISIS e suas afiliadas. Este artigo enfatiza a importância dos países mencionados, observando por que eles são atualmente reconhecidos no discurso global contemporâneo como refugiados de terroristas na África Ocidental. Examina os papéis intervencionistas e colaborativos desempenhados por entidades e iniciativas internacionais e regionais, como as Nações Unidas (ONU), G5-Sahel, Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF), Iniciativa de combate ao terrorismo transaariano (TSCTI), Missão Multidimensional de Estabilização Integrada em Mali (MINUSMA) e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS), entre outros. Utilizando o método histórico, que envolve a avaliação e análise de fontes secundárias, além de outras evidências qualitativas relevantes, o artigo argumenta que os desafios sociopolíticos enfrentados nesses países, durante o final do século XX, não serviram apenas como catalisadores para as emanações do século XXI e disseminação do terrorismo, mas também as agravou ou piorou. Conclui-se demonstrando as estratégias e perspectivas para o desenvolvimento qualitativo da sub-região, observando que, se as variáveis sociopolíticas e econômicas forem efetivamente abordadas, o terrorismo, junto a suas consequências devastadoras, poderá ser reduzido.

PALAVRAS-CHAVE

Terrorismo; África Ocidental; Contemporaneidade; Desenvolvimento; Sociopolítico; África.

Recebido em 3 de setembro de 2019

Aceito em 19 de janeiro de 2020

Traduzido por Mariana Vitola